

Fundador da Frelimo morreu há 14 anos

Como Mondlane viu o primeiro branco

Ilídio Rocha

Completaram-se no dia 3 de Fevereiro catorze anos sobre o assassinio de Eduardo Chivambo Mondlane, fundador e primeiro presidente da FRELIMO. Esse Chivambo, filho de Nwadjahane, filho de Magnlaine, filho de Machechomho, filho de Khambanyane, filho de Dzovo, filho de Mbingwane, filho de Mondlane, ele príncipe também desta dinastia de reis das terras dos Nwanates. Terras que Manicusse, pai de Gungunhana e verdadeiro imperador de todo o Sul de Moçambique, tinha confirmado na posse do seu antepassado Mondlane.

Dele pouco se sabe fora do seu país para além do envolvimento na Frente que levou Moçambique à independência. Um ou outro mais atento poderá conhecer o seu percurso. Mas a maioria nem o imagina.

Um resumo da sua vida, por mais condensado que seja, nem por ser resumo o minimiza. Antes salienta no reduzido das palavras a enormidade do caminho para tão breve tempo de caminho. E corrige muita ideia falsa sobre raças em geral e negros em particular.

Indigitado chefe desde que nasceu

Mondlane nasceu em Junho de 1920, em dia que ele próprio desconhecia (1), na povoação de Ka-Khambana, sede das terras de que seu pai era chefe regente e cujo nome vem do seu trisavô Khambanyane. Ka-Khambana fica na região do Chibuto, no Sul de Moçambique, e as terras dos antepassados de Mondlane estendiam-se até ao litoral, entre os rios Limpopo e Inharrime. Indigitado *hosi* (chefe) desde o nascimento, viu-se Mondlane numa posição social que, se lhe trouxe mimos e privilégios, também provocou o seu contacto tardio com a escola. Salvo talvez sua mãe, que achava que o filho devia aprender português — e ali, só na escola — toda a restante família achava dispensável qualquer tipo de estudo para ser *hosi*, para além daquilo que aprendia no dia-a-dia das suas terras. Tinha já doze anos quando decorou as primeiras letras, ainda e só na sua língua materna, o *tsonga*, na escola evangélica da terra, e treze quando teve o primeiro contacto com a língua portuguesa na escola rudimentar oficial de Coolela, a uns seis quilómetros de casa. Uma má experiência, como veremos.

Ainda nesse ano e a conselho da mãe, muda-se para casa de uns parentes, em Manjacaze, para frequentar uma escola dali. Escola de onde foge, pouco depois, porque o iam propor a um exame para mostrar serviço e ele sabia não estar preparado. Mas foge para continuar os estudos pois a vontade de aprender já o não largava. Vai pedir para entrar para uma escola da Missão Suíça, em Matússe, para onde tinha de ir diariamente percorrendo quilómetros.

É aí que a vida de Mondlane começa a decifrar-se. Ai completa os seus estudos primários

e aí conhece o missionário suíço Henri-Philippe Junod (2) que alguns anos antes fora o primeiro branco que vira, montado então numa mula ou cavalo, animais que ele nem suspeitava existirem.

Depois dos estudos primários foi a tentação da cidade dos brancos e também a experiência: em 2 de Maio de 1936, como pode ver-se pela reprodução que ilustra este texto (3), a cadexeta de serviços indígena emitida pelo Comissariado da Polícia do Lourenço Marques, com o n.º 1950, atribuiu-lhe a idade de 14 anos (tinha na realidade quase dezasseis), classificava-o com a profissão de «servo» e indicava-lhe um patrão, o dr. Correia Gentil. Mas Mondlane não perdeu o contacto com a Missão Suíça, instalada também na capital da colónia, e, pela mão dela, passa ao Transval do Norte onde é preparado para a admissão à Universidade. Assim, no início dos anos quarenta é um dos duzentos negros que frequentam a Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo (4). Estudará aí sociologia e antropologia.

Terminado o curso, segue para a Suíça. Está em Lausana em 1946, a descansar e, a certa altura, doente. Daí Mondlane escreve: «Agora estou bom. O sr. Doutor Elm pôs-me no Raio X e diz-me que os meus pulmões e coração estão muito bem. Ele pensa que é porque tenho trabalhado muito nos anos passados.»

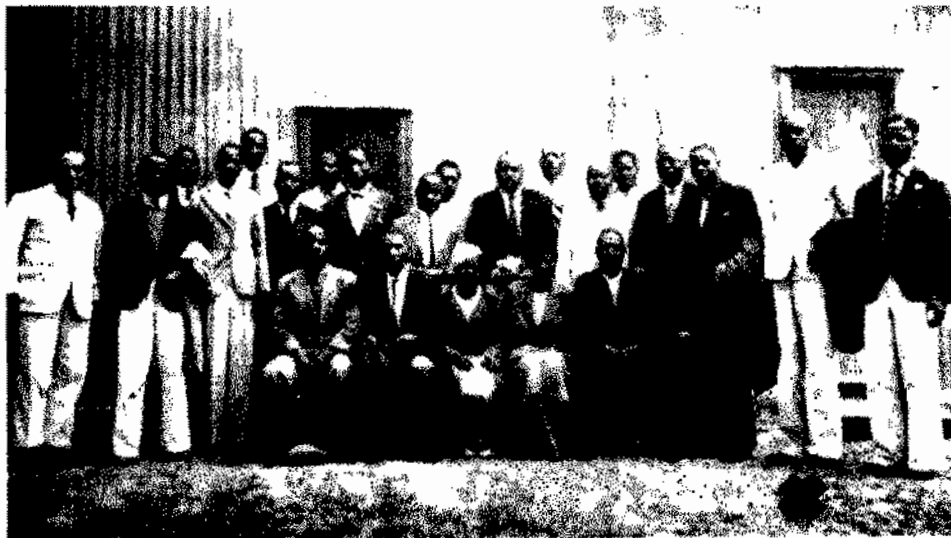
De Lausana parte, ainda com uma bolsa da Missão, para os Estados Unidos, onde fará estudos pós-universitários para o grau de «Master». Segue-se, já trabalhando na própria Universidade, como docente, os preparatórios para o «Ph.D.» (Doutoramento), com uma tese que o levará ao Congo.

Casa e entra para as Nações Unidas como funcionário do Departamento encarregado dos territórios com o estatuto de protectorado. Os seus contactos nesse Departamento incluíam o Tanganica, pelo que conhece Julius Nyerere de quem se torna admirador — um humanista, chama-lhe — e logo também grande amigo. Por essa altura, 1957, o Governo português oferece-lhe, através da Junta de Investigações do Ultramar, um lugar de professor em Portugal, que não aceita.

Em 1960, ainda como funcionário das Nações Unidas, visita Moçambique. Encontra-se na Missão Suíça com antigos professores e colegas (ver foto), mas faz outros importantes contactos na colónia.

Em 1962 funda a FRELIMO.

Em 1969 é assassinado, em Dar-es-Salaam, por meio de um livro-bomba que lhe foi enviado pelo correio. Tinha então quarenta e oito anos de idade. Deixava a sua terra a caminho da independência, mulher, três filhos e um livro célebre (5). O dia da sua morte — 3 de Fevereiro — é agora feriado nacional em Moçambique e o seu nome é nome de Universidade.



Mondlane (2) com colegas e um professor da Missão Suíça, em Moçambique. Com as marcas de quem só encontrou a língua portuguesa aos 12 anos, fez os seus maiores estudos numa terceira língua (foto existente no Centro Nacional de Documentação e Informação de Moçambique)

«Eu comia uma vez por dia e nada mais»

Feito o resumo biográfico de Mondlane, nada melhor para prolongar esta vocação do que ler as suas próprias recordações, não de universitário — aluno ou professor —, não de funcionário das Nações Unidas, não ainda de dirigente político, mas dos tempos de criança, quando afinal tudo de certo começou.

«Lembro de muitas vezes ter ido à escola sem comer e só voltar tomar o meu almoço à noite. Eu comia uma vez por dia e nada mais. E que comida encontrava nessa uma vez? Muitas vezes eram «vegetables» e nada mais.»

É neste estilo simples, com as marcas de quem só encontrou a escola e a língua portuguesa aos doze anos e teve de fazer os seus maiores estudos e a sua vida profissional numa terceira língua, o Inglês, que Mondlane conta, em cartas dirigidas a um dos professores suíços (6), a sua história e a dos seus até chegar ao contacto com a Missão que o apoiou.

Nessas cartas, fala de coração aberto das suas fraquezas, das suas lágrimas, das suas alegrias, das suas prepotências e vaidades como filho de chefe, chefe indigitado ele próprio desde o nascimento. Conta as festas, os nos, os interesses, as intrigas do seu pequeno mundo de infância, com serenidade, clareza e compreensão. Observou, viveu, recorda, conta. Assim, porque lhe não alteramos uma vírgula sequer:

«Como o sr. Professor bem sabe, para o africano inculto, *emulungu* (Europeu) quer dizer: Branco, Indiano, Chinês, Mulato, etc. (...)

Não sei de que idade era quando pela primeira vez vi um Indiano e depois um Europeu. Mas lembro-me muito bem das duas ocasiões. Primeiro foi o Indiano. Era uma certa tarde

de Verão, quando eu estava na palhota da minha mãe quando ouvi outras crianças gritar: «A *emulungu*, a *taku hi mbomgolals* (?) Quase ao mesmo tempo ouvi o zurrar do tal burro, e ainda a correr, vi o Indiano vindo do norte da nossa povoação e dirigindo-se para o centro do círculo das palhotas, onde se encontrava uma grande árvore (*nkuhlu*) os ramos da qual ofereciam uma sombra deliciosa e fresca. O mufana do Indiano apanhou as rédeas do burro e, depois de o spatrões dele ter descido, foi até-lo a um arbusto

a alguns passos da povoação, onde se encontrava abundância de erva verde.

O Indiano era um homem alto, magrinho, de nariz franzino, boca fina e pequena e de cor castanha. O seu cabelo é que realmente me impressionou. Meus irmãos tinham-me falado da cor branca ou amarela-branca dos Europeus e do cabelo comprido, mas neste *emulungu* eu via uma coisa conforme as descrições dos meus irmãos e essa era o cabelo.

O Jornal

4/2/83

1/3

Logo que ele desceu do burro ama das minhas irmãs correu para buscar uma cadeira para ele. Os seus olhos estavam cheios de vida. Olhava para este e para aquele lado, muito para nós crianças. Nossa avó nos comandou que lhe cumprimentasse. Lembro-me de ter dito: «Sewa mulungu! Pareceu muito dignificado com a saudação. Minha mãe e outras mulheres da povoação foram cumprimentá-lo. Falava Tsonga mas em tom muito esquisito e com muitos erros. Elas conheciam-no porque ele vinha

de uma das lojas mais próximas da nossa terra. Vim a conhecê-lo melhor depois de ter ido às lojas. Chamava-se Musá Hamad.

Ele pediu água para beber. Deram-na. Para bebê-la tirou da zacola que tinha am lenço branco e um copo de zinco e começou a coar a água. Ao perguntar porque é que ele fazia aquilo disseram-me que era costume dos brancos coar a sua água antes de bebê-la e nada mais.

Mondlane aprende os meandros do comércio entre valungu (europeus) e negros

Ele começou a conversar animadamente com as mulheres da povoação sobre muitos tópicos, o principal dos quais era sobre a produção de amendoim e o seu preço no mercado (na loja). Pediu que se chamassem todas as mulheres das povoações vizinhas para aproveitarem a ocasião de se fazerem amigas com ele para fins co-

merciais.

O sr. Professor deve compreender que aqui neste caso não era o indiano que se devia informar dos preços do amendoim, mas as produtoras do amendoim, porque os indianos é que punham os preços.

Eu fui um dos que foram mandados a propagandear a chegada do comerciante. Ele nos tinha prometido que se nós aparecéssemos na sua loja nos havia de oferecer açúcar de graça. De facto muito gente veio à nossa povoação e muitas promessas foram garantidas às mulheres que tinham campos de amendoim. No fim das discussões o indiano chamou o seu rapaz e lhe mandou trazer o embrulho que estava nas costas do burro. Abrindo o embrulho tirou algumas peças de pano colorido e começou a cortá-lo em pedaços de pouco mais ou menos uma jarda cada. Deu a cada nova cliente um pedaço e tomou os seus nomes num livrinho que extraiu do bolso do casaco. Minha avó proibiu as minhas irmãs de entrar em tais negócios com o indiano, porque, segundo ela, eram perigosos. Os panos que o indiano dava a essas mulheres eram para certeza de que elas haveriam de ir vender o seu amendoim à loja dele, somente. Porque havia muitas lojas no lugar onde o indiano exercia a sua profissão.

O amendoim ainda estava nos campos; de facto, ainda era verde porque era ainda no Verão.

«Gente que não sabia trabalhar, que todo o trabalho deles era feito pelos pretos»

Depois da partida do indiano,

fui ter com minha mãe e lhe carreguei com muitas perguntas sobre i valungu (8). Ela me disse que os brancos viviam em casas feitas de uma maneira diferente da nossa; que eram gente que não sabia trabalhar, que todo o trabalho deles era feito pelos pretos. Que o que parece que eles sabem fazer melhor do que tudo eram as armas de guerra. Que era por causa dessa razão que eles puderam vencer o nosso inimigo Gungunhana (9). Que em geral eles eram bons porque não podem matar ninguém sem razão. Que eles nos traziam coisas boas tais como panos de cores bonitas e que sabem fazer açúcar da cana, etc. No fim ela me prometeu levar à loja um dia desses. Com esta prospectiva fiquei muitos dias esperando.

Comencei a pensar nas muitas coisas que minha mãe falou dos brancos e pareceu-me que não havia coisa melhor para uma pessoa ver na terra do que ir visitar uma povoação europeia. Passou o Verão e o Inverno chegou com a sua plenitude de diferentes qualidades de comida. O amendoim abundava; e cada dia, dezenas e dezenas de mulheres passavam pela nossa povoação do Makwakwa para as lojas.

Minha mãe e minhas irmãs estavam-se preparando para ir à loja também. Cada criança era encorajada a descascar tanto amendoim quanto possível a fim de ir comprar panos na loja. A parte que eu tinha preparado no descascamento do amendoim não era tal que pudesse comprar pano suficiente para mim, mas apesar disso minha mãe e minhas irmãs contribuíram com a sua parte até chegar a ser uma coisa

igual a daas latas de petróleo (gogogos) (10).

O dia em que devíamos ir à loja chegou. Minha mãe, minhas irmãs e outras mulheres da povoação e suas crianças preparavam-se para a viagem. Cada uma das mulheres carregava um sacco (e às vezes mais) de amendoim. Eu e outras crianças trazíamos um cestinho de amendoim para a compra de açúcar e doces. Saímos de manhã cedo e lá chegamos às sete horas aproximadamente.

Era a minha primeira vez de ver casas de zinco e pedra. As casas das lojas estavam em duas linhas Este-Oeste. No meio passava uma estrada que vinha de longe e ia para longe; com uma linha telefónica que ligava a uma das lojas. Uma dessas lojas eram de zinco somente. As de pedra estavam caídas de branco, e o zinco de cor amarela.

Havia muita gente entre as lojas (na estrada) indo de uma para outra loja. Outras mulheres chegavam ao mesmo tempo, conhecendo. Na porta de cada loja haviam homens que clamando chamavam as recém-chegadas para as suas lojas. Cada chamador usava palavras de toda a fantasia para atrair as vendedoras de amendoim. Promessas extraordinárias choviam de todos os lados. Mas minha mãe, com as outras mulheres da nossa companhia, não se importava das promessas desses apregoadores mas foi directamente para a loja dos Musá Hamad.

Logo que o Musá nus viu entrar veio agradecer por termos vencido a tentação das outras lojas mais próximas do lado donde viemos. Logo correu pa-



Reprodução da capa e do interior da «Caderneta de Indígena» de Eduardo Chibamba Mondlane. Um documento do Comissariado da Polícia que retrata Lourenço Marques de 1936

Recordar Mondlane

3/3

ra o outro lado do mostrador e mediu uma certa quantidade de açúcar e, pondo-o num prato de porcelana, deitou água e nos veio oferecer com um pão seco. Merquiando o pão no açúcar dissolvido, comemos (nós as crianças).

No entretanto o guarda-joia preparava as medidas para medir o amendoim. Mediram-no. Entenderam-se no preço dele (amendoim) e as compras começaram. O processo da compra era então tal como é até hoje. Entre as mulheres da nossa terra não é costume ir à loja e voltar para casa com dinheiro. Nesse tempo, que quase só usavam o amendoim para as suas compras, não se podia obter dinheiro da loja, nunca. Quando a vendedeira de amendoim quisesse comprar alguma coisa, se a quantidade de amendoim que ela tiver for mais do que ela quisesse comprar, será obrigada, pelo comprador do amendoim ou do milho, a comprar qualquer coisa, mesmo que não seja necessária. Isto é o que aconteceu com a gente que eu estava naquele dia, e em geral toda a gente que foi vender o amendoim e milho na loja.

Compraram-me um pano e uma camisola branca. Minhas irmãs compraram blusas de cores brilhantes para o uso do domingo. Voltamos para casa muito tarde esse dia.

Nunca tinha ouvido falar de cavalo (nem tinha visto um branco)

Na mesma carta em que

a propósito de ter visto um indiano pela primeira vez descreve o sistema de «comercialização» então vigente para a parca produção daqueles pequenos agricultores, Mondlane conta como foi o seu encontro seguinte com uma «maravilha». No meio da carta destaca um título: **O primeiro europeu que vi.** E prossegue:

Era uma certa manhã, de Verão, quando eu pastava as minhas cabras, perto da nossa vovoação, num valezinho chamado «Ribyana» (Pedrinha). Nesse dia eu estava sozinho e o sol abrasador anunciava um dia muito quente. Minhas cabras tinham ido um pouco mais longe do lugar onde eu estava acampado, na sombra do «Tsondos». Sai a correr para voltar as cabras que se mostravam com propensão de ir muito longe e assim se perderem.

Enquanto voltava com as cabras vi o que pensei ser um burro mas que ao mesmo tempo não era, porque era mais grande do que o burro. Nunca tinha ouvido falar de cavalo, mesmo de mula. Por isso não podia fazer ideia que animal era aquele. Pouco a pouco o medo me ia vencendo, mas não podia deixar as minhas cabras e fugir.

Tentei amedontrar as cabras para lhes encorajar a correr comigo, mas elas não se importavam. O grande burro aproximou-se mais e mais a tal ponto que me deu a chance de ver uma outra maravilha. E essa era a pessoa que estava montada no animal. A cor dele, o ca-

belo dele (que profusamente cobria grande parte do rosto), a aparência geral da cara dele, eram tudo coisas para me alarmar. Nunca tinha visto pessoa igual.

Ele vinha directamente para mim. Queria vê-lo melhor, mas o medo não me dava coragem de parar e olhar para ele propriamente. Enquanto tentava correr mais e mais com as cabras vi um cão com uma sineta no pescoço, vindo a correr em frente das minhas cabras. Não tinha medo dos cães, mas esse cão era também de uma raça especial. E o facto de ter uma sineta no pescoço não era bom sinal. Fiquei desorientado!

Sem ter decidido o que fazer o europeu mandou-me parar e perguntou: «Sana a Kona thisar Augusto Muthombeni?» (11) Admirado por ouvir o estranho falar a minha língua, parei e lhe respondi que não sabia; porque não costumava ir à casa do tal «teacher». O europeu saiu a correr com a sua sineta (porque me disseram que era uma mula).

Depois soube das minhas irmãs que o mulungu que vi era um «majundsisu» (12), o sr. Rev. Enajud (filho) que ficava em Mauisse.

Como filhos de chefe é natural que se considerassem príncipes

Na suas cartas de que temos vindo a fazer extractos, Mon-

diane fala frequentemente da sua condição de príncipe, mais ainda da sua condição de chefe indigitado desde o nascimento. E fá-lo, não só para descrever a sua família e os usos da sua terra, mas também para explicar as razões que o levaram tão tarde à escola.

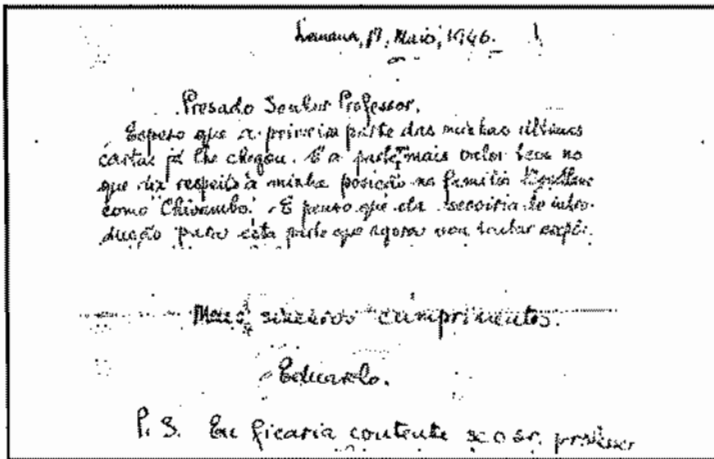
Acabava de morrer o chefe da nossa terra e meu pai tomava o lugar de chefe interino, cargo que exerceu até à maioridade do filho do falecido. En-

quanto aos filhos — não esquecer de referir, apesar da escola estar fora da sua área, a deferência do mestre para com ele:

Todos os olhos se tinham tornado para mim. O professor me entregou aos cuidados do seu ajudante e, como lhe tivesse dito que era do família Mondlane, ele instruiu que me tratasse com mais candura do que os outros. Isto aprendi dos meus colegas de classe alguns

num dos seus cadernos em 20 de Setembro de 1943.

(2) Este Henri-Philippe Junod, missionário da Missão Suíça Romanda, esteve muitos anos em Moçambique. É filho de um outro missionário, Henri-Alexandre Junod, que chegou a Moçambique em 1889, dois anos depois de ali instalada a Missão Suíça, e foi autor do livro «The Life of a South African Tribe», editado em Neuchâtel em 1912, e que é considerado precursor nos estudos antropológicos do sul de Moçambique e, até, de África.



Início e fim de uma das cartas de Mondlane. A simplicidade de um chefe, filho de chefe

do meu pai, quando ouviu do nascimento de um menino na palhota da terceira mulher foi consultar os «inyanga» (13) e estes aconselharam-lhe que o nome do recém-nascido devia ser o do chefe extinto. Pois era ele quem ressuscitou!

Assim dito assim feito. Chamaram-me então Chivambo Mondlane. Minha mãe, então, passou do lugar obscuro que tomava na família, por ser a terceira e última mulher de meu pai ao de Mãe do Hasi — chefe da terra — e assim respeitada por toda a gente. (...) Cresci entre afagos e mimos que tanto me prejudicaram a moral...

E noutra carta posterior (1946; a anterior é de 1943):

As minhas vantagens nesta posição foram muitas, mas as mais importantes foram as seguintes: nos dias de festas eu ficava sempre com as pessoas mais importantes da nossa terra. Comia a mais gorda e mais tenra parte da carne que se cozia. Eu era um dos príncipes a ser servido. Nas pastagens ninguém se atrevia a bater-me ou maltratar-me. Em geral, eu sentia muito seguro em toda a parte.

Mas englobava também neste tratamento especial meus irmãos, que, embora mais velhos, vieram a morrer cedo:

Como filhos do chefe (chefe regente) é natural que se consideravam príncipes. Uma coisa certa sobre eles é que não trabalhavam muito. E, se nós, quando trabalhávamos perto do chefe, não os maltratávamos, eles não nos maltratavam. Eles não tinham medo de nós. Nós não tínhamos medo deles. Eles não tinham medo de nós. Nós não tínhamos medo deles.

dias depois, quando tiveram de sofrer um castigo que eu não sofri.

As consequências naturais de uma aprendizagem lenta e no próprio terreno

Foi esta aprendizagem lenta da sua sociedade e da sua condição, da civilização dos «mulungus», da escola oficial rudimentar, das festas do seu povo, dos «nanga» (14) que trataram sua mãe de estar enfeitada e a deixaram morrer, mas também dos «nyamussoro» (15) e da variedade de passarinhos e de animais bravos, de conhecer os seus nomes e seus usos e costumes, que amadureceu e enriqueceu esta personalidade extraordinária.

E perguntamos: se Mondlane não fosse filho de chefe, chefe indigitado ele próprio, com toda uma infância de experiência tribal privilegiada, de contactos tardios e lentos com a civilização e a cultura do comerciante indiano, do professor assimilado, do administrador, do missionário, do Comissariado da Polícia que emitia cadernetas para ele poder viver e trabalhar na cidade, do patrão e dessa mesma cidade, teria sido quem foi? Teria subsistido, em Outubro de 1966, a resolução do Comité Central da FRELIMO que «declara que o combate contra o tribalismo e o regionalismo é tão importante como o combate ao próprio colonialismo?» (16).

Ao ler as suas cartas e os seus cadernos de que aqui falamos, alguns expressões ficaram invariavelmente do tipo «meu pai», «meu pai», «meu pai».

(3) Reprodução de uma cópia da caderneta de Mondlane existente no Centro Nacional de Documentação e Informação de Moçambique. O original suposto encontrar-se na posse da Missão Suíça, em Lausana.

(4) Nos anos quarenta, ainda a Universidade de Wietwatersrand, como a do Cabo, ambas particulares, recebiam alunos de cor. Foi só com a proclamação da República Sul-Africana, em 1960, e o reforço do Partido Nacionalista no poder, que as autoridades sul-africanas conseguiram obrigar as universidades privadas a deixarem de receber alunos de cor. A Universidade de Wietwatersrand, como a do Cabo, de que é chanceler o multimilionário Harry Oppenheimer que sempre se tem mostrado contra o «apartheid», foram as últimas a tornarem-se brancas.

(5) «The Struggle for Mozambique», Penguin African Library, Penguin Books, 1969. Traduzido para Português com o título de Lutar por Moçambique. Sá da Costa Editora, 1975.

(6) Existem cópias dessas cartas de 1946 e de cadernos de Mondlane de 1943, bem como de outros documentos que lhe dizem respeito, nos arquivos do Centro Nacional de Documentação e Informação de Moçambique, onde foram colhidos os elementos utilizados neste trabalho.

(7) «Um Europeu com um burro».

(8) Plural de «mulungu».

(9) Numa outra carta, Mondlane escreve a propósito da sua família: «Fomos conquistados por Muzila, pai de Gungunyana (Mondlane escreve Ngungunyana), mas ele próprio nos deu o poder de governar toda a terra que se estende do rio Limpopo até ao Inharrim e ao mar ao Sul. Os chopos eram nossos aliados. Ele próprio cresceu com a família que Gungunyana era novo chefe e sempre na luta dele de estabelecer a sua autoridade sobre os outros chefes da região».

mãos, que, embora mais velhos, vieram a morrer cedo:

Como filhos do chefe (chefe regente) é natural que se consideravam príncipes. Uma coisa certa sobre eles é que não trabalhavam muito. Entre nós, qualquer trabalho pesado na casa do chefe, como a construção de palhotas, cercas, cultura dos campos, etc., são geralmente feitos pela gente da terra.

Mesmo na escola, na primeira escola, em Coolela, de que ele depressa saiu com más recordações, essa sua condição de hosi foi tida em conta.

Ao descrever o seu primeiro dia de aulas, Mondlane, que chama cruel ao professor — batia com uma longa vara por tudo e por nada, mandava apanhar os pequenos pastores ao mato e prendia-os, exigindo depois das mães, sob a ameaça de as levar à Administração, galinhas, bebida e até dinheiro

do Comité Central da FRELIMO que «declara que o combate contra o tribalismo e o regionalismo é tão importante como o combate ao próprio colonialismo»? (16).

Ao ler as suas cartas e os seus cadernos de que aqui deixamos alguns extractos ficamos convencidos de que não. Mondlane chegou tarde — mais tarde que o normal — às principais etapas de uma vida, mas levava para cada nova situação uma experiência e uma sabedoria que os mais «normais» no tempo nunca poderão obter.

Cedo, para ele, foi a morte.

Notas

(1) «Contava minha mãe que o dia do meu nascimento fora um dos mais jubilosos da família. Foi uma manhã, data desconhecida, de Junho de 1920.» — escreve Mondlane

(9) Numa outra carta, Mondlane escreve a propósito da sua família: «Fomos conquistados por Muzila, pai de Gungunhana (Mondlane escreve Ngungunyana), mas ele próprio nos deu o poder de governar toda a terra que se estende do rio Limpopo até ao Inharrime e ao mar ao Sul. Os chopes eram nossos vassallos. Eu próprio cresci com a ideia de que Gungunhana era nosso inimigo, porque na vinda dele do Musape (Beira), veio lutar conosco.»

(10) «Gogogo» é uma palavra zulu que quer dizer vasilha de folha. Mondlane refere-se aqui às latas de quatro galões nas quais eram então vendidos em África o petróleo e a gasolina.

(11) «Onde fica (a casa) do professor Augusto Muthombeni?»

(12) Membro das missões protestantes. Missionário ou professor.

(13) Feticeiros.

(14) Feiticeiro; curandeiro por meio de feitiços.

(15) Médico tradicional.

(16) Documentos base da Frelimo. Vol. 1. 3.º Congresso, 1977. p. 42.